PROBLEMAS DE LINGUAGEM E COMUNICAÇAO

MARIA HELENA NOVAES

Dentre os meios de comunicação mais intimamente ligados à evolução da atividade humana destaca-se a linguagem. Daí, o nosso interêsse em focalizar os problemas da evolução da linguagem e do processo da comunicação, bem como as relações entre a linguagem mímica e a linguagem oral.

Alguns autores salientam o fato de que a linguagem mímica foi a linguagem primitiva e o valor significativo dos gestos foi, mais tarde, transportado para a linguagem fônica. PIAGET admite que a linguagem falada é uma forma de um instinto fundamental, o instinto da expressão pela mímica do corpo — afirmação esta, que não nos leva a concluir que a linguagem humana se formou a partir de movimentos pantomímicos inconscientes, como bem salienta o prof. AJURIAGUERRA. Aliás, é a intencionalidade da expressão o que caracteriza a linguagem.

A linguagem segue uma evolução que depende não só do ciclo da maturação, mas, também, dos círculos funcionais perceptivo-expressivos A criança passa de uma fase mímica para uma fase de expressão verbal através, primeiramente, da utilização de símbolos sonoros, depois, de fórmulas sonoras. Em seguida, atravessa uma fase de pesquisa voluntária dos símbolos que melhor expressem o que quer comunicar e, finalmente, entra na fase de automatização e de enriquecimento dos seus meios de expressão verbal. Regem o processo evolutivo da linguagem dois princípios: da economia e da facilidade na compreensão mútua.

MIRA Y LOPEZ estabelece cinco modalidades evolutivas da linguagem: 1ª: fase mímico-emocional; 2ª: fase mímico-expressiva; 3ª: fase imagográfica (reprodutiva e imitativa) ; 4ª: fase ideográfica, e 5ª: da linguagem simbólica, na qual a criança maneja sinais e símbolos verbais com desenvoltura. Assim, a linguagem é ritmo e construção. A entonação, pontuação, interrogação e a exclamação vão transformando o valor comunicativo dos símbolos e das palavras. Tudo o que é sinal de expressão tem um valor global para o indivíduo, contudo, através a evolução da própria linguagem, algumas formas de sinais passam a um segundo plano, dependendo das circunstâncias ambientais.

SCHIRLEY fêz um estudo minucioso do desenvolvimento motor e da linguagem estabelecendo as relações cíclicas entre estas duas manifestações da atividade humana. BRIGANCE, por sua vez, demonstra que na criança há uma plataforma na curva do desenvolvimento do vocabulário

durante a aprendizagem da marcha. SCRULTZE afirma que durante o período da aprendizagem da marcha, a criança estaciona o desenvolvimento da linguagem. Portanto, há uma relação estreita entre o desenvolvimento motor da criança e da linguagem.

O processo da comunicação passa, também, por fases sucessivas. Desde o nascimento a criança se expressa por gritos, reações tônicas de tensão ou relaxação, que são expressões individuais e tentativas de comunicação com o meio ambiente. É a partir da diminuição da hipertonia e da abertura do campo perceptivo que a comunicação muda de aspecto. Verifica-se que a criança vive num mundo de «palavras, objetos falantes» e, portanto, deve começar a compreender as relações entre êstes sons e palavras. Porém, como ela vive num mundo sonoro e visual, é por intermédio da relação com o «outro» que a criança procura a confirmação do que ela acredita perceber. Por outro lado, é através do seu corpo que a criança vive a satisfação da concretização de uma tentativa de diálogo. A expressão verbal começa a evoluir «do corpo que fala às partes do corpo que entram em relação com as coisas», (por exemplo, através da apreensão), passando a criança a usar a gesticulação, a indicação, a protestação vocal e manual e, mais tarde, os jogos verbais, auto-imitativos e hetero-imitativos. A linguagem na sua evolução é uma afirmação do mundo dos objetos e uma afirmação do «eu» em relação aos «outros», e, nunca, uma função isolada. Faz parte do mundo perceptivo e do mundo da ação e da manipulação da criança.

A importância do diálogo e da comunicação do ser humano com o mundo ambiental é salientada pelos trabalhos de SPITZ, BURLINGHAM e FREUD que estudaram o problema das dificuldades de interrelação em crianças vítimas de carência afetiva. Comprovaram que estas crianças, embora tivessem os recursos para comunicar-se, não contavam com o sistema relacional entre as atividades mímicas e fônicas em formação e a confirmação pelo espêlho expressivo de um interlocutor real.

No que se refere à relação entre linguagem oral e mímica, VENDRYES afirma que no uso da linguagem não há substituição, nem subordinação entre as duas formas de linguagem, mas acôrdo entre ambas. Observamos que na medida em que a linguagem oral se desenvolve, os gestos tornam-se menos necessários. JANET escreve: "O homem é antes de tudo um animal tagarela que fala seus atos e age suas palavras», confirmando a evolução conjunta do gesto e da palavra. Naturalmente, o gesto e a palavra têm suas características próprias, mas são os esquemas organizadores e atuantes rítmicos que dão movimento e vida aos objetos, atos e sons. Aos esquemas rítmicos musculares de intensidade e duração, a linguagem oral trará dois elementos novos: o ritmo do timbre e o ritmo da altura.

Como diz VON KLEIST, "a linguagem não é uma simples transposição do pensamento na sua forma verbal mas coopera essencialmente ao ato primitivo que a provocou». Existe uma estreita ligação entre os jogos e a linguagem, sendo a atividade verbal um estímulo contínuo do jôgo, uma vez que a palavra é sugerida pela imagem e a imagem pela palavra.

Grande progresso foi realizado no momento em que no estudo da linguagem foi dada ênfase ao plano perceptivo e ao plano da ação. O movimento, segundo RIBOT, é elemento da vida psíquica, assim como a sensação e a idéia. JANET esclarece que o pensamento é ação e nunca foi uma metamorfose da ação. Para BINET o pensamento tem uma base motora e já é esbôço da ação. BERGSON salienta o fato de que tôda a percepção é acompanhada de hábitos motores e admite que a recordação pura tende a tornar-se imagem-sensação e a sensação movimento; assim, a lembrança exige uma espécie de atitude mental inserida ela mesma numa imagem corporal.

PIAGET interpreta o desenvolvimento dos mecanismos operacionais do comportamento da criança sôbre o esquema da ação sensório-motora, que é o esquema da assimilação. A imitação pré-verbal da criança pode ser considerada como uma das manifestações de sua inteligência sensório-motora, desde a passagem das condutas sensório-motoras até as formas elementares do pensamento representativo. A imagem é uma imitação interiorizada. Na criança de 2 a 7 anos a imagem fica na dependência estreita dos movimentos e a representação imaginada não se manifesta senão sob a forma de uma representação imitativa, apenas interiorizada, conservando sempre uma componente motora.

Os outores alemães também defendem com entusiasmo a base sensorial e motora da representação mental. GRUNBAUM cita o fator "motorik» como um dos mais significativos no desenvolvimento mental da criança. Existe na motricidade humana uma intenção contínua de comunicação. Quando estudamos o problema da linguagem, diz o prof. AJURIAGUERRA, maior ênfase deveria ser dada às reações tônicas da criança, bem como a sua atividade motora, mímica e fônica, em relação a um determinado interlocutor. PANSE focaliza a linguagem oral como uma forma de desenvolvimento específico da sensório-motricidade geral, admitindo, porém, que é necessária uma capacidade psíquica humana, que é a linguagem virtual, capaz de construir sinais simbólicos de caráter significativo.

Analisando a relação entre o movimento e a atividade verbal verificamos que a atividade mímica que acompanha a linguagem moral depende de particularidades étnicas e de tipos constitucionais. Todos conhecem a riqueza e exuberância dos gestos dos latinos e dos hipomaníacos, assim como a pouca atividade mímica dos saxônicos, dos leptossômicos e dos esquizóides.

No plano patológico registramos a lentidão das reações verbais e a monotonia da expressão verbal em casos de pós-encefalite, baseados em citação do prof. AJURIAGUERRA, assim como a linguagem repetitiva nos pacientes que apresentam distúrbios motores extra-piramidais.

A afasia é um campo muito rico de pesquisa neste setor, dada a variedade e complexidade dos casos. Nas formas de afasia amnésica, a linguagem regride do plano da significação precisa para expressão de linguagem de ensaio e de experimentação. JACKSON descreve três graus de afasia: 1) defeito apenas de linguagem, 2) perda de linguagem com

conservaçao da pantomina e 3) perda da linguagem e da mímica. Os gestos facilitam muito a rememorização de certas palavras; assim a leitura de certas letras pode ser facilitada quando o paciente segue o contôrno das letras com os dedos.

Nos pacientes nos quais a atividade mimica é o principal modo de expressão, como no caso dos surdos-mudos, a gesticulação significativa pode ser perturbada por uma lesão cerebral. GRASSET traz a observação de um surdo-mudo que após uma hemiparesia direita (paresia moderada que permite os movimentos) perdeu tôda a capacidade de expressão pela gesticulaçao e mimica, assim como tôdas as possibilidades de escrever. CHRITCHLEY dá o exemplo de um surdo-mudo reeducado, do ponto de vista articular, que conservava sua linguagem mímica; após um trauma craniano apresenta uma hemiplegia direita, tornando-se incapaz de expressar-se por sinais, perdendo também sua capacidade articulatória. As afasias por apraxia da mão direita não podem ser enquadradas na «afasia clássica do adulto», ficando mais no quadro das perturbações da sinalização (distúrbios de conhecimento ou da expressão por sinais simbólicos).

Segundo o prof. AJURIAQUERRA, há dois modos de ser apresentado o problema: ou a afasia motriz é uma perturbação particular do tipo apráxico do aparelho fonador, ou então fica enquadrada numa fórmula mais geral, que se aproxima dos distúrbios apráxicos gerais.

ALAJOUANINE, OMBREDÂNE e MLLE. DURAND destacam três distúrbios de processo na síndrome de desintegração fonética: 1) um processo paralítico que traz uma fraqueza articular, 2) um processo distônico que traz a rigidez postural e as sincinesias e 3) um processo apráxico que se manifesta nas provas da apraxia facial. Na afasia de BROCCA pode-se salientar o distúrbio da "flexão motora". Verificamos constantemente a importância da parte fonética e articulatória na expressão e compreensão verbal, podendo-se afirmar que é a articulação verbal que sustenta a representação gráfica (muitas vêzes quando se deseja representar gràficamente um som, escreve-se primeiramente com a língua). Encontramos, com freqüência, nos distúrbios de expressão verbal, desorganizações motoras, distúrbios pareto-distônicos, dispráxicos e, em certos casos de afasias sensoriais, fenômenos de facilidade para a formulação verbal de palavras ouvidas, mas não de palavras compreendidas.

O afásico é um paciente que perdeu o sentido da linguagem e sua utilização. É comum encontrar-se nos afásicos não sòmente distúrbios práxicos, gnósicos, como também distúrbios dos atos que tenham uma base simbólica ou que necessitem da representação do espaço (VAN WOERKOM E HEAD chegam à conclusão que a origem da afasia reside num deficit do pensamento não-verbal. VAN WOERKON distingue na elaboração de uma idéia e de sua expressão verbal 4 fases: 1) fase da concepção da idéia global, 2) fase da análise e síntese no espaço e no tempo, 3) fase do esquema da frase e 4) fase da escolha das palavras.

No caso dos afásicos, o deficit produzir-se-ia na fase pré-linguística da análise e síntese no tempo e no espaço, o que é comprovado através

da aplicação de testes específicos que acusem uma perda do sentido geométrico, do ponto de vista espacial, e uma perda da idéia de sucessão dos elementos no todo, no aspecto temporal. Assim, o distúrbio da diferenciação temporal e espacial repercutiria no exercício da linguagem e na formulação simbólica do pensamento ocasionando deficits na escrita, na leitura e no cálculo.

LHERMITE insiste no fato de que as perturbações da formulação simbólico-mímica do afásico podem existir fora de todo o comprometimento da inteligência e da linguagem verbal. Esclarece o mesmo autor que a afasia é polimorfa nas suas manifestações, apresentando-se tanto como um distúrbio geral ou sensório- motor. Em algumas formas, a componente motora é clara; em outras, a desorganização se apresenta sob a forma de desorganização espácio-temporal da base sensório-motora ou sob a forma de distúrbio semântico mais generalizado.

Portanto, na investigação dos distúrbios da evolução da linguagem são imprescindíveis as provas motoras e provas de orientação e discriminação espacial, além das provas de ritmo.

Ao analisarmos os distúrbios de linguagem, observamos que nos mais simples, aparentemente, encontramos quadros bem complexos que dificultam o respectivo diagnóstico e reeducação. Paralelamente aos atrasos da palavra, encontramos atrasos no desenvolvimento motor, distúrbios de coordenação motora, insuficiência no desenvolvimento do equilíbrio estático ou dinâmico, no desenvolvimento da motopraxia facial (teste de KWINT, distúrbios no tonus motor e na inibição dos movimentos, paratonia e sincinesias, distúrbios de orientação (testes de PIAGET e HEAD),distúrbios de estruturação (testes de BENDER, figura complexa de REY, GOLDSTEN, Cubos de KOHS, distúrbios da organização temporal e da compreensão do simbolismo. Êstes distúrbios podem aparecer ou não associados, podendo-se encontrar distúrbios do desenvolvimento motor sem distúrbios de orientação ou de estruturação e vice-versa.

Nos casos de surdez verbal congênita, a forma mais freqüente é a associação de uma hipoacusia a uma afasia verbal. PRICK e CALON indicam distúrbios na percepção destas crianças das relações espaciais e do conhecimento do uso do esquema corporal.

As dislexias de evolução são freqüentemente ligadas, seja a distúrbios da organização da linguagem, seja a distúrbios provocados por uma má organização do plano temporal e espacial. Geralmente, êstes dois tipos de distúrbios encontram-se associados. A dislexia de evolução pode ser a primeira fase de uma disortografia ulterior. Convém aqui ressaltar que no mecanismo da leitura as relações percepto-motrizes e gnoso-corporais são as mais evidentes.

A facilidade para a leitura não depende só de fatôres gnósicos, mas também de uma diferenciação de letras, das quais, algumas têm maior valor devido à posição de certos elementos no espaço, da respectiva ordem na palavra e da sua seriação na frase. O movimento da esquerda para a direita, a organização do campo visual, o processo do retrocesso são

indispensáveis na leitura. De certa forma, o papel da estruturação espácio-temporal se sobrepõe ao das particularidades perceptivas da leitura.

No caso dos individuos canhotos, a leitura pode vir a ser desorganizada, não por causa de distúrbios pròpriamente motores, mas por causa da desorganização que implica uma má lateralização, ficando o espaço do movimento e da percepção desorganizado pela má gnosia corporal. Daí a necessidade da investigação da lateralidade e da dominância manual, ocular e dos pés, o que pode ser feita pelos testes de lateralidade, sinestria e dominância.

O problema das dislexias é complexo e sera assunto de um outro artigo, dada a necessidade de um estudo mais detalhado das suas causas, tipos e técnicas de reeducação.

No que se refere ao problema da gagueira, esclarece o prof. AJURIAGUERRA que tôda teoria unívoca, teoria afetiva pura, teoria motora pura, não é significativa. O que importa é verificar o momento em que aparece a gagueira que, na maioria dos casos, coincide com um momento do desenvolvimento da linguagem, onde as relações entre a criança e o adulto assumem um novo aspecto. A gagueira e um distúrbio de linguagem que se apresenta como uma luta entre a fase do verbo que nasce e a fase da expressão verbal ordenada. É uma interrupçao temporal e espacial do desenvolvimento pensamento-linguagem, por isso que as modificações motoras que desorganizam esta engrenagem, os distúrbios de lateralização na medida em que perturbam a organização espácio-temporal, desempenham papel de relevante importância.

Por outro lado, como a linguagem está condicionada a instâncias afetivo-sociais, sendo a «frase vivida ao mesmo tempo que é expressa», havendo sempre um diálogo, é neste dinamismo interno que a luta se introduz entre o desejo que o indivíduo tem de exprimir e os perigos que, em certas condições, produzem a expressão verbal. O desajustamento que produz a gagueira não é o resultado de uma disfunção única, mas de várias disfunções conjuntas. A reflexologia condicional pode explicar, em parte, a fixação desta forma nova de conduta e sua persistência.

Vejamos agora a relação dinâmica entre a psicomotricidade e a linguagem. A linguagem aparece no curso do desenvolvimento da inteligência sensório-motora, estando ligada diretamente a êste desenvolvimento e contribuindo para o seu enriquecimento. Como já vimos anteriormente, há uma hierarquia no aparecimento das funções, e no momento que elas se manifestam aparecem, por sua vez, novas formas que modificam o conjunto dos meios de comunicação. Podemos afirmar que, no diálogo pròpriamente humano, a gesticulação significativa não é nunca eliminada, pois é um instrumento valioso que vem enriquecer a linguagem, criando novos meios de expressão de valor simbólico.

Já citamos o valor e a importância da formação do esquema corporal que serve como ponto de referência e de eixo espacial, possibilitando e facilitando a afirmação do "eu" em relação ao "mundo". É através do seu corpo que o indivíduo começa a manifestar-se, explorando, mais tarde, o mundo sonoro.

Os distúrbios de linguagem devem ser considerados como desordens motoras e não sensoriais. É a partir da ação, de um «eu» orientado, que se formam, não só os sinais estáticos, como o desenvolvimento do diálogo. Como bem disse BUYTENDIJK: "O homem está presente no seu corpo, pelo seu corpo, mesmo quando êle fala no diálogo do encontro». O prof. AJURIAGUERRA afirma: "O corpo na sua linguagem é uma atitude que recebe e um móbil que constrói».

Concluindo: no estudo da linguagem, não se pode encarar a motricidade como movimento ou ação isolada, mas como atividade global e dinâmica.